

ANÁLISE SOCIOESPACIAL DO BAIRRO CAMPO NOVO, ZONA SUL DE PORTO ALEGRE, RS, A PARTIR DE 2010: UM ESPAÇO EM TRANSFORMAÇÃO

Socio-spatial analysis of Campo Novo neighborhood, south zone of Porto Alegre, RS, from 2010: a space in transformation

Análisis socioespacial del barrio Campo Novo, zona sur de Porto Alegre, RS, a partir de 2010: un espacio en transformación

Limara Monteiro*

Paulo Roberto Rodrigues Soares**

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – limaramonteiro@gmail.com

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – paulo.soares@ufrgs.br

Recebido em 11/06/2023. Aceito para publicação em 28/11/2023

Versão online publicada em 30/03/2024

Resumo:

Este artigo é parte de um estudo maior que compõe uma tese de doutorado acerca de uma análise socioespacial a partir do olhar da Geografia de um dos bairros do município de Porto Alegre, RS, Brasil. O bairro em questão, Campo Novo, localizado na zona sul de Porto Alegre, vem passando por uma série de transformações socioespaciais motivadas por empreendimentos imobiliários, elementos que se apresentam como parte da paisagem e do cotidiano dos moradores. O objetivo do artigo é, ainda que breve, trazer alguns dos novos elementos que estarão presentes no cotidiano da comunidade, em um futuro próximo e através da Geografia apontar caminhos para compreender o fenômeno da produção urbana hoje. Observa-se, a partir do ano de 2010 (última atualização do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental), o aumento significativo de construções de condomínios fechados no bairro e em seu entorno. A Geografia, enquanto ciência que estuda o espaço e sua reprodução contribui para uma análise embasada, não somente nas transformações atuais, como nas possíveis mudanças que poderão ocorrer para a comunidade local.

Palavras-chave: reprodução do espaço; cotidiano; transformações; Campo Novo; Porto Alegre/RS.

Abstract:

This article is part of a larger study that makes up a doctoral thesis about a socio-spatial analysis from the perspective of the Geography of one of the neighborhoods in the city of Porto Alegre, RS, Brazil. The neighborhood in question, Campo Novo, located in the south zone of Porto Alegre, has been going through a series of socio-spatial transformations motivated by real estate developments, elements that are part of the landscape and the daily life of the residents. The objective of this article is, albeit brief, to bring some of the new elements that will be present in the daily life of the community, in the near future and through Geography to point out ways to understand the phenomenon of urban production today. We observe that, from the year 2010 (last update of the Master Plan for Urban and Environmental Development), the significant increase in the construction of gated communities in the neighborhood and south zone. Geography, as a science that studies space and its reproduction, contributes to an analysis based not only on current transformations, but also on possible changes that may occur for the local community.

Key-words: reproduction of space; daily life; transformations; Campo Novo district; Porto Alegre (Brazil).

Resumen

Este artículo forma parte de un estudio más amplio que constituye una tesis doctoral sobre el análisis socioespacial desde la perspectiva de la Geografía de uno de los barrios de la ciudad de Porto Alegre, RS, Brasil. El barrio en cuestión, Campo Novo, ubicado en la zona sur de Porto Alegre, viene pasando por una serie de transformaciones socioespaciales motivadas por desarrollos inmobiliarios, elementos que aparecen como parte del paisaje y de la vida cotidiana de los habitantes. El objetivo del artículo es, aunque breve, traer algunos de los nuevos elementos que estarán presentes en la vida cotidiana de la comunidad, en un futuro próximo y a través de la Geografía para señalar formas de entender el fenómeno de la producción urbana en la actualidad. A partir de 2010 (última actualización del Plan Director de Desarrollo Urbano y Ambiental), ha habido un aumento significativo en la construcción de barrios cerrados en el barrio y sus alrededores. La geografía, como ciencia que estudia el espacio y su reproducción, contribuye a un análisis fundamentado, no sólo en las transformaciones actuales, sino también en los posibles cambios que pueden producirse para la comunidad local.

Palabras-clave: reproducción del espacio; cotidiano; transformaciones; barrio Campo Novo; Porto Alegre, Brasil.

1. Introdução

Quem conheceu o bairro Campo Novo, no município de Porto Alegre, RS, Brasil, antes do ano de 2010 em comparação com os dias atuais (2023), talvez já não o reconheça mais ou se surpreenderia com as mudanças ocorridas neste espaço. As mudanças socioespaciais ocorridas neste bairro são as chaves para explicar seu processo (atual) de transformação. Transformações estas baseadas na modificação das funções e das formas dos elementos e pontos espaciais, assim como os agentes sociais envolvidos na produção deste espaço. A natureza analítica deste texto pretende refletir sobre as transformações ocorridas no espaço geográfico do bairro Campo Novo a partir de abordagens envolvidas no processo de produção do espaço. Uma crítica sobre a forma com que essas mudanças vêm acontecendo é o ponto principal desta reflexão sobre a prática socioespacial em conjunto com uma leitura sobre a nova arquitetura e a (des)organização do bairro. Pretende-se, também refletir sobre os indutores que vem promovendo as transformações no bairro, para traçar uma leitura sobre estes processos a partir do registro de alguns pontos e refletir sobre os possíveis e futuros desdobramentos destas mudanças.

Dessa forma, este artigo é fruto de uma análise maior sobre o bairro Campo Novo a partir da perspectiva da escala do local proporcionada por diversos atores. O qual permite, dentro da ciência geográfica, reflexões sobre e contribuições acerca da qualidade das relações sociais a partir da forma com que os indivíduos se relacionam com o espaço.

Tendo a compreensão como guia, o presente texto busca contribuir para a temática da produção do espaço urbano com uma (re)leitura através de uma perspectiva estruturada dos principais pontos (elementos), evidenciando a mudança de suas funções ao longo do tempo.

O tempo é um aliado indispensável nos estudos geográficos, pois deixa resquícios do passado no formato de estruturas presentes no momento atual (2023). Segundo Milton Santos (2006), estes resquícios são como cristalizações, as quais revelam a sobreposição de elementos criados no passado e que estão presentes em outro momento do tempo histórico mais atual. Atenta-se para o fato de que o espaço geográfico do bairro Campo Novo está inserido, segundo o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA), em uma área urbana, ainda que em expansão. Com isso, o artigo presente abordará a forma com que a produção do espaço vem ocorrendo no bairro. Levantando a questão acerca da produção do espaço urbano, dentre os fatores inerentes a esta reflexão, consideraremos sua definição e os conceitos que estão envolvidos dentro desta análise espacial a partir de autores contemporâneos que se dedicam a estudar as problemáticas deste tema, como por exemplo, Ana Fani Alessandri Carlos (2007, 2015, 2017), Roberto Lobato Correa (2004, 2012) e Marcelo Lopes de Souza (2013). Definição que não é simples, mas que busca analisar, compreender e desvendar os elementos presentes hoje na produção do espaço urbano (de acumulação capitalista). Espaço este, visto como fragmentado e, ao mesmo tempo, articulado (Correa, 2004), articula um conjunto de fatores que se complementam em diferentes dimensões.

Dentre estes fatores, podemos destacar a percepção dos habitantes, a estrutura social, as forças e interesses, as formas adquiridas e as funções desempenhadas em um leque de possibilidades no que diz respeito à este processo.

Alguns questionamentos foram levantados acerca da dinâmica do bairro Campo Novo para dar início a discussão proposta, como, por exemplo, de que forma o estudo do Espaço Geográfico, juntamente com a produção do espaço urbano, pode contribuir para uma outra concepção sobre o bairro? O ponto em questão é construir o panorama em que se encontra o bairro neste momento, evidenciando as novas formas de relação com o espaço promovidas pela inserção de novos elementos.

De fato, o crescimento populacional e a expansão da mancha urbana fizeram com que algumas áreas do município de Porto Alegre fossem incorporadas à lógica de alguns empreendimentos. Estes empreendimentos, como por exemplo, mercados e condomínios vêm atribuindo novos significados para pontos considerados importantes do bairro. Para montar esse panorama e caracterização geográfica do bairro Campo Novo é necessário promover um diálogo entre os autores trazidos neste trabalho e que abordam a temática da produção do espaço e do espaço urbano, assim como um levantamento prévio de novos elementos inseridos neste espaço. O esforço de se pensar aqui sobre o espaço geográfico

deste bairro, que é o estudo de caso em questão, consiste em realizar um exercício da realidade que se apresenta hoje em movimento de mudança.

Tratemos do “espaço bairro” a partir da perspectiva do lugar, o qual está articulado com o mundo e seus processos. Entende-se a necessidade de “tratar” e abordar o bairro Campo Novo enquanto um recorte no espaço tempo conectado com os processos que acontecem na metrópole Porto Alegre, a qual está submetida, também, aos processos homogeneizadores que reproduzem a partir da acumulação do capital.

Assim, o objetivo deste texto é realizar uma análise de caráter geográfico acerca das mudanças que vem acontecendo no bairro Campo Novo pertencente a cidade de Porto Alegre. O direcionamento teórico se dá por meio do processo de produção do espaço urbano até chegarmos ao ponto mais específico, que contempla um breve levantamento das mudanças neste estudo de caso.

2. Da (re)produção do espaço urbano: uma consideração

A Geografia enquanto ciência, possibilitou a análise das formas com que a sociedade se especializou nos diferentes pontos da superfície terrestre, deixando evidente a sua preocupação com as relações sociais e como o espaço é produzido. Para autores como Milton Santos (1988, 2006) e para Henri Lefebvre (1974, 1978), algumas de nossas referências, o espaço é fruto da produção social, ou seja, as práticas sociais podem ser vistas enquanto parte de um processo constante de (re)organização espacial. Concebemos então, a existência de um movimento constante de produção e reprodução do espaço por meio das relações socioespaciais. Não necessariamente este movimento de produção do espaço é linear ou têm os mesmos objetivos para os diferentes lugares. Partimos do entendimento de que o espaço se-reproduz constantemente em movimento dialético, onde as suas próprias contradições são responsáveis pela reprodução da vida.

Entende-se aqui que espaço (enquanto produção social) é, também, o espaço geográfico, pois, para sua definição, são considerados elementos da realidade social. A apreensão da realidade social, um dos exercícios da Geografia, carrega consigo uma simbologia de todo um espaço produzido por meio das relações sociais, as quais podem ser expressas em diferentes escalas de análise. Assim, Milton Santos pontuou que,

A partir da noção de espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações podemos reconhecer suas categorias analíticas internas. Entre elas, estão a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo. (SANTOS, 2006, p. 12)

A partir desta noção do espaço, incorpora-se à esta discussão, o cotidiano, o qual exalta através das trocas das funções espaciais. Tomemos como ponto importante a “força do lugar”, onde, o estabelecimento da relação com o cotidiano nos permite vislumbrar uma noção de mundo e assim encontrar, historicamente, novos significados. Em um movimento constante a vida se reproduz na escala do lugar. Da mesma forma que no texto intitulado “O lugar no mundo”, a autora Ana Fani Alessandri Carlos (2007) ressalta a importância de estabelecer a definição/noção do lugar, enquanto local de reprodução da vida, diante dos processos homogeneizadores nos quais as cidades estão hoje condicionadas. Ao falar sobre o “lugar” enquanto categoria de análise do espaço (geográfico) subentende-se uma escala socioespacial, onde as formas de percepção da realidade se dão por meio das relações entre os habitantes, destes com a cidade e da cidade com o global. Dessa forma, o lugar enquanto “porção apropriável da vida”, Ana Fani Carlos destaca que

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante – identidade – lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (CARLOS, 2007, p. 17).

Conforme a autora, é possível refletir sobre o cotidiano sob diversos pontos de vista. Dessa forma, o plano do local enquanto espaço habitado e apropriado pode ser concebido como um bairro, o qual, dentro de uma cidade, expressa as relações dos indivíduos em meio às suas condições. As mudanças socioespaciais e a troca das funções de determinados pontos locais, expressam, de maneira rápida e de certa forma renovadora, um projeto no qual a vida se reinventa e se renova. Não necessariamente essas mudanças afetam toda a população do bairro de maneira positiva. As considerações apresentadas neste texto vão ao encontro de elementos que vêm, gradativamente, segregando a população. O caráter avassalador, homogeneizador e, ao mesmo tempo, integrador da expansão urbana faz com que, cada vez, este tema seja discutido com o intuito de, também, questionar a forma com que este processo vem ocorrendo. Para isso, assim como afirma Ana Fani Alessandri Carlos (2007), a análise do bairro se faz indispensável para refletir

sobre a produção da vida e produção do espaço à medida que mudanças são impostas por agentes que (re)produzem o espaço da cidade, como por exemplo, os promotores imobiliários. Destaca-se a possibilidade de refletir sobre práticas socioespaciais que estão ocorrendo no espaço do bairro Campo Novo enquanto um caminho que aponta para um fazer geográfico. Utilizando-se de uma escala que, coletivamente, pode ser a tomada de consciência de indivíduos que, de forma despercebida, participam de um processo de produção do capital mais amplo.

O “bairro” enquanto espaço geográfico analisado em questão revela uma esfera de análise que talvez mais se aproxima do cotidiano dos indivíduos (SOUZA, 2013). É o lugar onde é possível perceber o nível das práticas socioespaciais. Alguns bairros são mais modernos, apresentando a superioridade da técnica enquanto um indutor, também, do processo de produção do espaço. Henri Lefebvre em seus escritos dos anos 1970, já apontava para uma sociedade urbana, onde, em diferentes escalas, os locais se apresentariam como “pontos de oportunidades” para a expansão do capital e, conseqüentemente, do espaço (urbano). Essa expansão do capital acontece de muitas formas e como agentes sociais estão os proprietários dos meios de produção; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado e os grupos sociais excluídos (CORREA, 2004).

Atenta-se para os promotores imobiliários que, como apontava Lefebvre, é percebido como um “setor de oportunidades para direcionar investimentos” (LEFEBVRE, 1974), inserindo os lugares na lógica de produção por meio de fluxos do capital. O que foi chamado de “espiral de construção e destruição” por Lefebvre, se traduz como caminho imprescindível para a “renovação” do espaço e continuidade da reprodução do capital. Esta dita renovação dos espaços por meio de mecanismos que se expandem nos espaços urbanos, traz consigo questionamentos para muitos estudiosos refletirem sobre o tema. Conforme, Roberto Lobato Correa (2004), ao questionar: “Quem produz o espaço urbano?”, voltamos nossos esforços para compreender, anunciar, denunciar e conscientizar sobre processos intencionais de produção do espaço por meio dos novos produtores imobiliários. Os agentes imobiliários podem, por exemplo, alterar as funções de elementos fixos presentes no espaço, bem como o cotidiano dos indivíduos.

A partir destes breves apontamentos acerca da produção do espaço e da apropriação destes ideais, trazemos a escala do bairro enquanto um Lugar. Um lugar da vida cotidiana e de manifestação da vida. Contudo, um lugar que manifesta a prática da produção do espaço de forma tendenciosa e que se encaminha para a segregação

socioespacial. Para Ana Fani, a produção do espaço consiste em um movimento, onde a “condição, o meio e o produto da ação humana” consistem em uma reflexão indispensável (CARLOS, 2015) para abordagem socioespacial. Com isso, se faz necessário uma abordagem teórica que, de forma concreta, estabeleça vínculo com a realidade que está disposta. De tal modo,

A materialidade do processo dada pela concretização das relações sociais produtoras dos lugares é a dimensão da produção/reprodução do espaço, passível de ser vista, percebida, sentida, vivida. (CARLOS, 2015).

A materialidade das ações humanas nos coloca diante das contradições do espaço, as quais podem ser vislumbradas tanto na desigualdade social expressada por meio do poder aquisitivo da população como de suas propriedades. O movimento que leva as contradições reforça a intensidade com que processos globais atingem os locais, bem como sua realidade social, características próprias da produção capitalista. Assim,

A extensão do capitalismo tomou o espaço, fez dele sua condição de produção, primeiro como recurso, depois como força produtiva, e finalmente como mercadoria reprodutível, através do setor imobiliário. Seu movimento em direção a sua reprodução aponta para o urbano. (CARLOS, 2015, p. 15).

Esta concepção mais ampla acerca da condição que o sistema capitalista cria, e de certa forma impõe os espaços urbanos nos direciona para a abordagem já utilizada do espaço enquanto mercadoria. Todavia, se faz necessário compreender que esta abordagem sobre o “espaço enquanto mercadoria” engloba um conjunto de características que formalizam as necessidades do próprio mercado imobiliário. Com isso, novas condições e novo valor de uso, neste caso privado, se tornam possíveis por meio do parcelamento e fragmentação do espaço.

3. Campo Novo: espaço em transformação

O estudo da produção do espaço vai ao encontro de uma análise que tenha como pressuposto o processo de mudança constante. Entende-se então, que para a realização de uma análise geográfica de um espaço, bem como de sua produção, se faz necessário o entendimento do contexto atual (enquanto um processo de mudança). Cada sociedade em seu tempo cria suas técnicas, as quais se sobrepõem a partir das relações sociais. A concepção de cidade trazida por Milton Santos (1985) promove uma reflexão acerca das

chamadas periodizações, as quais são resultado da acumulação desigual de tempos. Dessa acumulação, as cidades criam as suas características próprias ligadas às suas necessidades da época à medida que o espaço é formado por dois elementos: a materialidade e as relações sociais. Quando se fala na compreensão do contexto atual, nos referimos às formas com que alguns agentes produtores do espaço (dentro do contexto capitalista) se apropriam, fragmentam e, em um futuro próximo, poderão alterar o cotidiano dos moradores do bairro.

A materialização da relação sociedade pode ser observada por diferentes prismas, desde que exista o entendimento de que esta ligação está pautada nas transformações ocorridas dentro de um conjunto indissociável. Milton Santos em seu livro *Espaço e Método* apontava sobre a inseparabilidade concreta e conceitual de categorias para a realização de uma análise (geográfica) sobre o espaço (SANTOS, 1985, p. 56). *Estrutura, processo, função e forma* são mais do que categorias analíticas, representam a definição do espaço com a sociedade. Assim,

a interpretação de uma realidade espacial ou de sua evolução só se torna possível mediante uma análise que combine as quatro categorias analíticas, porquanto seu relacionamento é não apenas funcional, mas também estrutural (SANTOS, 1985, p. 57)

Compreender o bairro, significa desvendar os elementos que o compõem, como vias, limites e cruzamentos. Dessa forma, a descrição feita acerca do bairro Campo Novo traz evidências da apropriação, condição e tipo de estrutura construída de acordo com o crescimento da área. A seleção de alguns pontos, vistos como importantes do bairro, os quais constituem elementos físicos perceptíveis do espaço. Para além de uma leitura subjetiva, o objetivo de trazer alguns pontos selecionados consiste em uma percepção dos elementos que são, sob este ponto de vista, construtores no processo de identificação de estruturas fixas e que se diferenciam no espaço.

O bairro Campo Novo está localizado na Zona Sul da cidade de Porto Alegre, na macrozona intitulada Cidade Jardim pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA), em uma área onde o adensamento populacional aumenta gradativamente e que está delimitada com a Área de Ocupação Intensiva (AOI). Segundo a Macrodivisão Territorial do PDDU (LC 43/1979), o bairro pertencia ao setor definido como área urbana do município de Porto Alegre. Persiste ainda no bairro, o predomínio de moradias residenciais, como apontado, também, no PDDUA e com potencial para a

expansão da mancha urbana de Porto Alegre. Importante salientar, dentro dessa leitura, a força que uma imagem pode adquirir quando os elementos se direcionam para uma nova associação. A partir do levantamento de dados secundários sobre o bairro Campo Novo, surge a necessidade de um fazer geográfico que leve em consideração as transformações ocorridas, principalmente, a partir de empreendimentos imobiliários que vem se instalando no bairro.

Conseqüentemente, esses objetos geográficos implicam uma demanda de outros, como por exemplo, estabelecimentos comerciais e serviços, com isso, novas significações surgem a partir da relação social com o espaço.

Neste caso, para os indivíduos que no bairro habitam, tendo em vista que a imagem, tanto para Kevin Lynch (1960), como para a ciência geográfica, possui, obrigatoriamente, uma relação entre o objeto e os sujeitos. Segundo o Censo Demográfico de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Porto Alegre contabilizava noventa e quatro (94) bairros. A zona sul, no geral, é caracterizada pela baixa densidade demográfica e pelo uso residencial, em sua maior parte, unifamiliar e quando há a existência de edifícios, são circundados de área verde.

A delimitação do bairro foi instituída em março de 2011 pela Lei Nº 11.058¹ e alterada pela Lei 12.112 de 2016, a qual apresenta as fronteiras estabelecidas com o entorno. Segundo o levantamento demográfico realizado pelo Censo 2010, o bairro contabilizava com 8.766 habitantes em uma área de 3,599 km² e com 2.435,67 habitantes por km² de densidade demográfica.

As delimitações do bairro podem ser observadas no mapa disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre (figura 1).

¹ <https://legislacao.portoalegre.rs.gov.br/norma/40844>

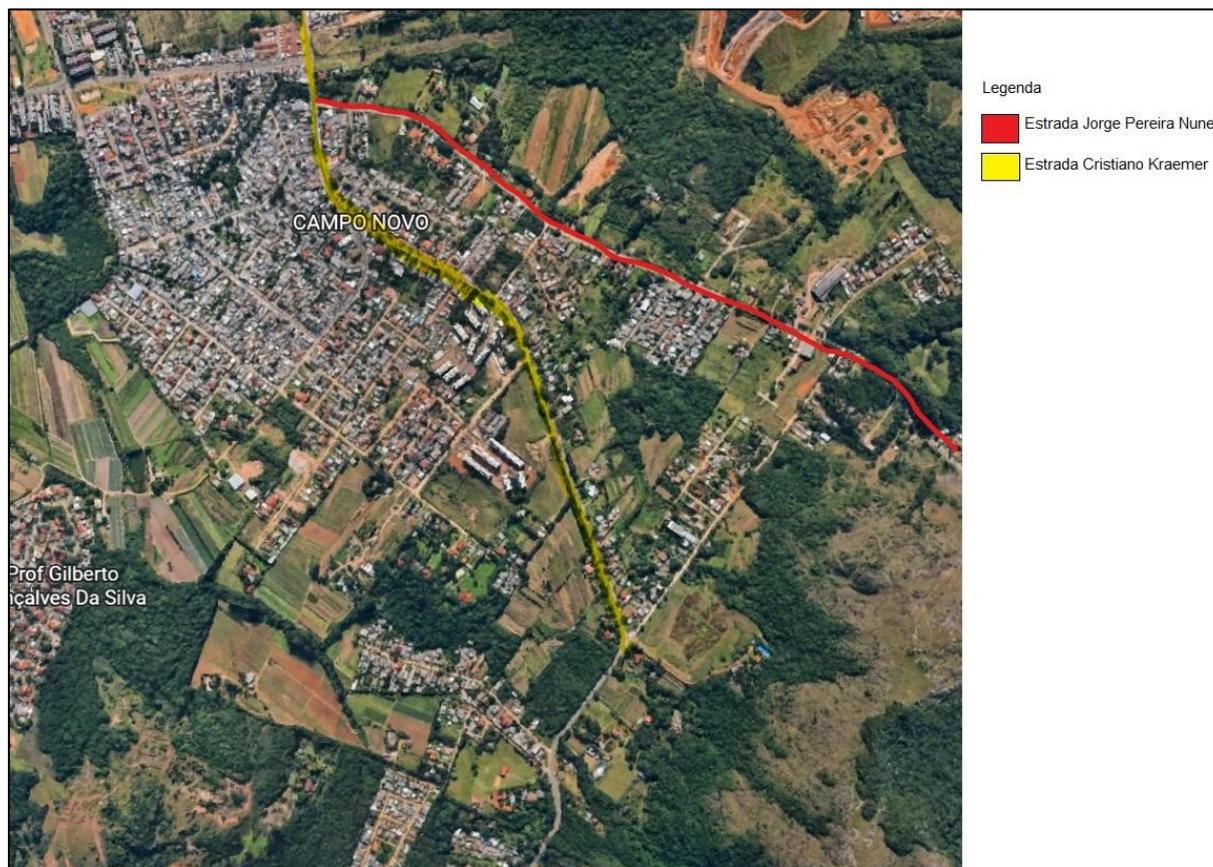
Figura 1 - Mapa de delimitação do bairro Campo Novo



Fonte: PMPA

A imagem do bairro Campo Novo é trazida como forma de contemplar a totalidade do bairro e de forma com que seja possível observar as duas principais vias que o “atravessam”. Ao longo destas duas vias principais (destaque em vermelho e amarelo) estão em processo de construção os condomínios horizontais, caracterizados pelo uso privado do solo.

Figura 2 - Imagem de satélite da área do bairro Campo Novo



Fonte: Google Earth. 2022.

Barreiras físicas, muros, monitoramento de segurança são alguns dos componentes primordiais destes empreendimentos, os quais vem fragmentando, cada vez mais, este espaço. A análise deste espaço e sua dinâmica espacial (desde 2010) proporciona novas marcas espaciais a partir daquilo que Kevin Lynch vai chamar de componentes da imagem.

O bairro se redesenha e se ressignifica e é nessa ressignificação que essas mudanças podem ser entendidas como parte de um processo inerente a sociedade, sua transformação, a qual dá vida ao espaço e materializa-se nele. A última atualização do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA) de 2010 (lei 434/1999) estabeleceu, de certa forma, uma visão economicista dessa área, não valorizando a condição desigual no qual este espaço geográfico se insere na atualidade.

As cinco imagens a seguir trazem as construções que estão sendo realizadas na Estrada Jorge Pereira Nunes, marcada em vermelho na vista área do bairro.

Figura 3 – Estrada Jorge Pereira Nunes



Estrada Jorge Pereira Nunes, com vista para o muro do condomínio Ilha Verde (em construção): 2022. Foto: Limara Monteiro

Figura 4 – Condomínio Ilha Verde



Vista de frente para o condomínio Ilha Verde (em construção): 2022.
Foto: Limara Monteiro

Figura 5 – Condomínio São Francisco



Vista de frente para o condomínio São Francisco (em construção): 2022. Foto: Limara Monteiro

Figura 6 – Empreendimentos Imobiliários, Estrada Jorge Pereira Nunes



Vista para empreendimento imobiliário na Estrada Jorge Pereira Nunes (já construídos) ao lado de moradias simples. 2022. Foto: Limara Monteiro

Figura 7 – Empreendimentos Imobiliários, Estrada Jorge Pereira Nunes



Vista para empreendimento imobiliário na Estrada Jorge Pereira Nunes (já construídos) ao lado de oradias simples. 2022. Foto: Limara Monteiro

As duas últimas imagens refletem a construção de 360 apartamentos que fazem parte do Programa Minha Casa Minha Vida. Ao passar pela via, a qual constitui a principal referência para quem se desloca, ou seja, caracterizadas por canais ao longo dos quais o observador se move (LYNCH, 1960). Fica evidente o contraste com os outros dois condomínios (Ilha Verde e São Francisco). Contraste tanto no tipo de uso, enquanto estes são caracterizados como residenciais, os outros dois terão uso misto (comércio, lazer e serviços). Os condomínios podem ser classificados como fatores de identificação que fazem parte de uma rede que se replica ao longo das vias.

As duas próximas imagens são empreendimentos imobiliários condomínios que estão em construção na Estrada Cristiano Kraemer, em direção à Avenida Juca Batista.

Figura 8 – Cruzamento na Estrada Cristiano Kraemer



Cruzamento com a Estrada Cristiano Kraemer. Condomínio Bela Vista Sul (em construção). 2022. Foto: Limara Monteiro

Figura 9 – Condomínio Viverdes



Condomínio Viverdes (em construção), localizado na Estrada Cristiano Kraemer. 2022. Foto: Limara Monteiro

Ao se deslocar pela Estrada Cristiano Kraemer (Figura 2), fica evidente o contato que estes condomínios terão com algumas áreas verdes do bairro. Em contrapartida, ao mesmo tempo que estes empreendimentos estão em construção, moradias de baixa renda

e algumas em área de ocupação, se encaminham para um possível futuro de conflitos sociais e ambientais, indo de encontro a regulamentação do PDDUA. Em uma passagem do levantamento acerca da Zona Sul documentado e elaborado pela Secretaria de Municipal de Urbanismo (SMURB) de Porto Alegre intitulado “Urbano, Rural, Rururbano” (2010) consta,

Essas transformações marcadas pela presença de grandes condomínios fechados e de conjuntos habitacionais populares localizados, em boa parte, nas áreas periféricas e, geralmente, junto aos principais eixos viários de acesso, geram novos focos de centralidade, sem considerar as orientações do Plano Diretor. (Supervisão de Desenvolvimento Urbano, 2010, p. 47)

Atenta-se para o fato do contraste existente entre moradias que estão dispostas juntamente com estes condomínios fechados, estes se articulam enquanto barreiras funcionais capazes de transformar a paisagem do bairro. Estas transformações espaciais, as quais podem causar diferentes impactos (consideramos possíveis impactos negativos) como, por exemplo, nos tipos de estrutura, de infraestrutura e no ambiente, alterando assim, a paisagem urbana. A inserção de elementos de cunho imobiliário, reafirmam o quadro de surgimento de “soluções” habitacionais para uma determinada camada da sociedade. Dessa forma, cabe-nos o questionamento se este processo de mudança que ocorre no bairro pode ser interpretado, na escala do local, como a reestruturação da reprodução capitalista?

A sequência de imagens a seguir, 10, 11 e 12, representam a demanda por serviços no bairro Campo Novo, visto como periferia da cidade de Porto Alegre. O cruzamento em questão localiza-se entre a Estrada Cristiano Kraemer e a Travessa Oswaldo de Deus e Silva (rua de chão batido). Caracterizada por ser uma rua que liga as duas principais vias do bairro, ou seja, promove a “junção” das vias.

Figura 10 – Construção Supermercado Pezzi



Construção supermercado da rede Pezzi, localizado na Estrada Cristiano Kraemer. 22/08/2022.

Foto: Limara Monteiro

Figura 11 – Supermercado Pezzi



Supermercado da rede Pezzi, localizado na Estrada Cristian Kraemer. 09/01/2023.

Foto: Limara Monteiro

Figura 12 – Vista aérea do bairro Campo Novo

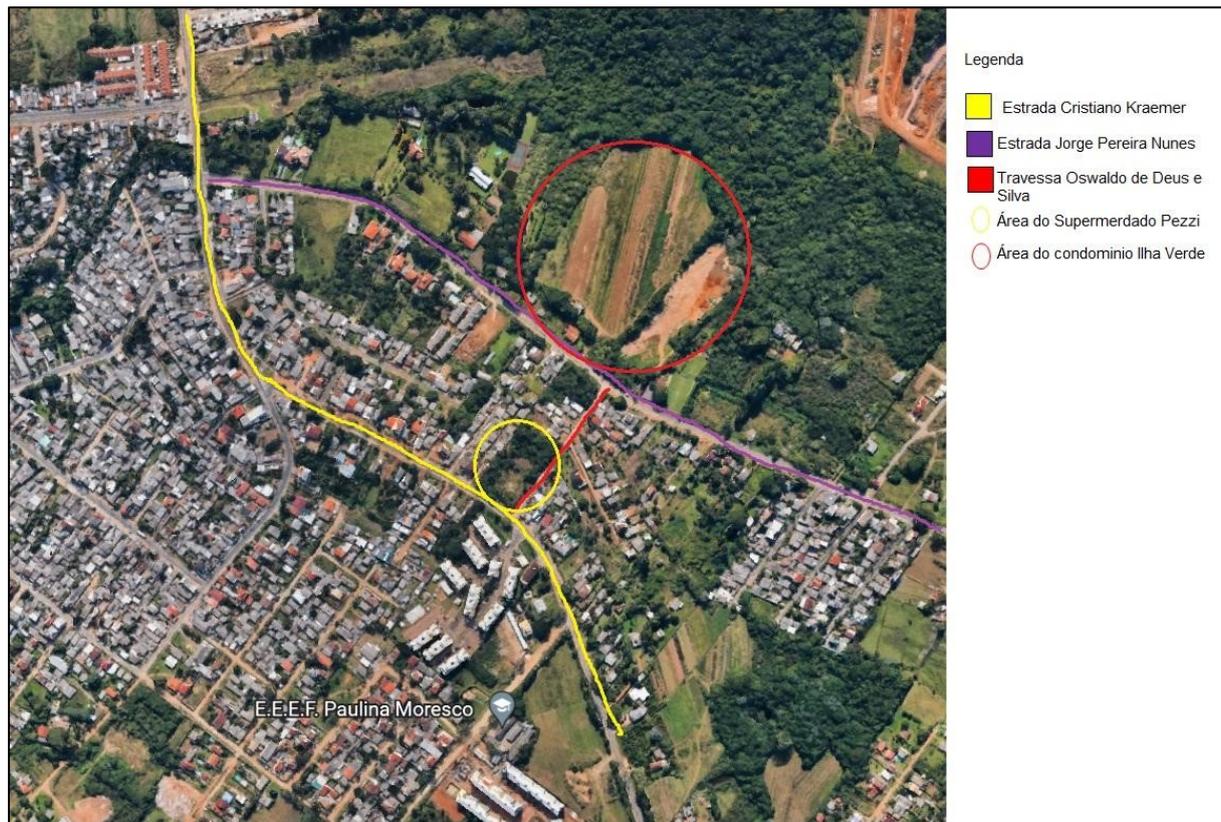


Imagem aproximada de uma parte do bairro Campo Novo. 2022. Google Earth.

Como forma de complementar o entendimento das transformações que estão ocorrendo no bairro, a imagem 12 mostra como, de forma estratégica, o supermercado foi alocado em um dos cruzamentos cruciais caracterizado por ser um dos pontos que a comunidade utiliza como referência. Ao teorizar e conceituar “cruzamentos” dentro da composição urbana, Kevin Lynch nos esclarece que são pontos locais estratégicos, através dos quais e para os quais, o observador (moradores ou não) se desloca (LYNCH, 1960, p. 58). Assim como,

Os cruzamentos podem, também, ser simples concentrações que se revestem de importância por serem a condensação de alguns hábitos ou pelo seu caráter físico, tais como a esquina de uma rua ou um largo rodeado de outros elementos. Alguns destes nós de concentração são o foco ou o “resumo” de um bairro. É destes nós que a sua influência irradia, muitas vezes, tornando-se, por vezes, um cruzamento o símbolo de um bairro (LYNCH, 1960, p. 59).

Talvez, este cruzamento não seja, necessariamente, o símbolo do bairro, mas sem dúvidas é um ponto de referência para se deslocar neste espaço. Como não falar em mudanças socioespaciais quando o aumento de moradias, demanda aumento de serviços

e comércio? Contudo, cabe ressaltar que quem consome este espaço, sendo morador ou não dos condomínios fechados, produzem este espaço, ainda que se relacionem de maneira diferente com a cidade de Porto Alegre.

4. Considerações Finais

Esta análise sobre o espaço geográfico do bairro Campo Novo promove uma leitura acerca de todo um movimento de transformação que está ocorrendo desde o ano de 2010. O bairro que era caracterizado por ser uma área rural, hoje é invadido por empreendimentos que poderão alterar o cotidiano da comunidade. Não existe uma oposição à aquisição destes empreendimentos no bairro, desde que estejam acompanhados de melhorias na infraestrutura para toda a comunidade local. Uma comunidade onde o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 2,04 salários mínimos (Fonte: Procempa, Observando o bairro, 2015).

À medida que o bairro aumenta seu contingente populacional, aumenta, também, o número de estabelecimentos que oferecem serviços. Contudo, como observado na imagem 12, um dos principais eixos que conecta as duas principais vias do bairro, não é asfaltado, sendo, portanto, carente de infraestrutura para a comunidade. É possível ressaltar, também, a carência no que diz respeito ao transporte público. Este pequeno bairro que compõe a zona sul de Porto Alegre está, constantemente, em expansão da mancha urbana. Isso seria um problema? Talvez não. Desde que a reprodução do espaço que vem ocorrendo não tenha como consequência ou impacto (negativo) a polarização habitacional e segregação socioespacial.

Refletir sobre a produção do espaço geográfico do bairro Campo Novo ao fazer este breve levantamento da inserção de novos elementos é compreender sua organização e criar a possibilidade de apontar uma perspectiva de futuro, diante de outros locais que já passaram por este mesmo processo. Considera-se que o processo de produção do espaço vem ocorrendo no modelo de reprodução capitalista, a partir de agentes que buscam um “novo palco” para a reafirmação e reestruturação do capital. Assim, o bairro Campo Novo está sendo inserido nessa lógica (mercadológica). A reivindicação que fica para este movimento de transformação que vem ocorrendo é a tomada de consciência da comunidade, por meio de estudos futuros, para que reivindiquem e compreendam este processo.

5. Referências

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007.
- _____. Ana Fani Alessandri. O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.
- _____. Ana Fani Alessandri. Crise Urbana. São Paulo: Contexto, 2015.
- _____. Ana Fani Alessandri. Espaço-tempo da vida cotidiana na metrópole [recurso eletrônico] / Ana Fani Alessandri Carlos. São Paulo: FFLCH/USP, 2017.
- CORREA, Roberto Lobato. Espaço Urbano. Editora Ática. 4. Ed. 2004.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre Agentes Sociais, Escala e Produção do Espaço: Um texto para discussão". In: CARLOS, A. F. A.i; SOUZA, M. L. de; SPOSITO, M. E. B. (organizadores). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2012. p. 41-51.
- HARVEY, David. Cidades Rebeldes Do direito à cidade à revolução urbana. Editora: Martins Fontes. 2014.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Dados Populacionais. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao.html>
- LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Edições 70. 1960.
- LEFEBVRE, Henri. Espaço e Política [1978]. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008.
- LEFEBVRE, Henri. A revolução urbana [1970]. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- LEFEBVRE, Henri. La producción del espacio [1974]. Madrid: Capitán Swing. 2013.
- PORTO ALEGRE. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU). Lei Complementar nº 43, de 21 /07/1979.
- PORTO ALEGRE. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA). Lei Complementar nº 434, de 1º /12/ 1999, atualizada até a Lei Complementar nº 667, de 3/01/2011, incluindo a Lei Complementar nº 646, de 22/07/2010. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/carta-de-servicos/plano-diretor-de-desenvolvimento-urbano-ambiental-pddua-e-anexos>
- PROCEMPA. Observando o bairro. 2015. Disponível em: https://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/bairro_petropolis_oficiall.pdf
- SANTOS, Milton. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.
- _____. Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- Supervisão de Desenvolvimento Urbano, 2010. Disponível em: https://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/planodiretortexto.pdf